

AMBIÊNCIA JAMINAWA: DIÁLOGOS EM PESQUISA

Andréa Martini*

Júlio Raimundo Jaminawa**

RESUMO: Esse texto é um excerto do relatório técnico “Levantamento Participativo de Recursos Naturais da Terra Indígena Jaminawa Cabeceira do Rio Acre”, organizado pela antropóloga Andréa Martini, em 2002. O texto descreve distintos ambientes, caracterizados por treze homens, considerados adultos, tendo entre 16 e 40 anos. São professores, agentes agroflorestais indígenas, lideranças e agricultores das etnias Jaminawa e Manchineri, moradores da Terra Indígena Jaminawa Cabeceira do Rio Acre, no estado do Acre, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia-Acre. Jaminawa. Povos indígenas. Metodologia de pesquisa. (Etno) Conhecimento.

JAMINAWA AMBIANCE: DIALOGUES IN RESEARCH

ABSTRACT: This text is an excerpt of the technical report “Participative Survey of Natural Resources of the Native Land Jaminawa - Headwaters of Acre River”, organized by anthropologist Andréa Martini in 2002. The text contains descriptions of distinct natural environments by thirteen indigenous authors with ages between 16 and 40 at the time. These authors are teachers, agroforestry agents, community leaders and cultivators, belonging to the Jaminawa and Manchineri peoples, and they live in the Native Land Jaminawa - Headwaters of Rio Acre, Brazil.

KEY WORDS: Amazônia-Acre. Jaminawa. Indigenous peoples. Research methodology. Ethnic knowledge.

* Antropóloga. Professora do curso Formação Docente para Indígenas da Universidade Federal do Acre, Campus Floresta, em Cruzeiro do Sul - AC. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atua como pesquisadora e assessora de movimentos sociais na Amazônia desde 1994. Endereço: Rua 25 de Agosto, 2393, 1º Piso, Bairro Eletroacre, CEP 69.980-970, Cruzeiro do Sul - AC. E-mail: dauakaro@yahoo.com.br.

** Isudawa, (seu nome indígena), é professor da educação diferenciada indígena desde a década de 80. É discente no curso Formação Docente para Indígena. Reside na Aldeia Ananai, Terra Indígena Jaminawa Cabeceira do Rio Acre, município de Assis Brasil - AC. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Acre, Campus Floresta, Estrada Canela Fina, Km 12, Colônia São Francisco, Gleba Formoso - 245, Cruzeiro do Sul - AC, CEP 69.980-000. E - mail: ufac.indigena@gmail.com.

Recebido em 10/09/2010 Avaliado em: 19/09/2010

INTRODUÇÃO

Este texto é um excerto do relatório técnico “Levantamento Participativo de Recursos da Terra Indígena (TI) Jaminawa Cabeceira do Rio Acre”, organizado pela antropóloga Andréa Martini, em 2002¹. O texto atual procura demonstrar parte dos extensos conhecimentos referentes aos recursos sócio-ambientais presentes nessa Terra Indígena, descritos e avaliados coletivamente por cerca de treze homens adultos. A partir de uma categoria bem genérica, que chamamos de ambiente ou ambiência².

Trinta mulheres acompanharam, ainda que esporadicamente, essa discussão, porém, sua participação foi muito restrita. A tarefa de reunir e dialogar sobre políticas externas ainda é uma atribuição estritamente masculina entre Jaminawas, e assim esse trabalho foi tratado, embora a pesquisadora tenha buscado adotar certos critérios metodológicos. A pesquisadora se preocupou, em termos metodológicos, de buscar uma visão de toda a comunidade, e, assim, esforços foram feitos para alcançar a visão de pessoas idosas, por exemplo, através de micro-biografias que compõem o relatório final, bem como de crianças e mulheres, através de descrições e desenhos em temas como: roçados, terreiros, brincadeiras, pescarias e frutas. Tais procedimentos objetivaram atingir um vasto domínio de conhecimentos.

Foram feitas visitas e estadias em todas as aldeias e colônias desta TI, durante a realização de um curso sobre Gestão Ambiental na Aldeia Ananai, no período de 24 de outubro e 07 de novembro de 2002³. Uma nova visita a campo para a revisão coletiva do texto realizou-se entre 31 de agosto e 08 de setembro de 2003. O resultado são informações detalhadas sobre esta Terra Indígena, da perspectiva dos moradores, além de indicativos e recomendações para ações e programas de governo.

As descrições orais e as percepções na forma de desenhos apontam profundas relações entre os seres vivos e seus ambientes. Relações conhecidas, compartilhadas e pesquisadas pelos Jaminawa e Manchineri da região dos Altos Rios Iaco e Acre. Como uma grande árvore, uma malha de rede feita de experiência, reflexão e memória, todos os aspectos da vida estão interligados. Estes conhecimentos são vivos e abertos para o tempo.

1 Ambos, relatório (2002) e excerto (2010) são organizados pela antropóloga.

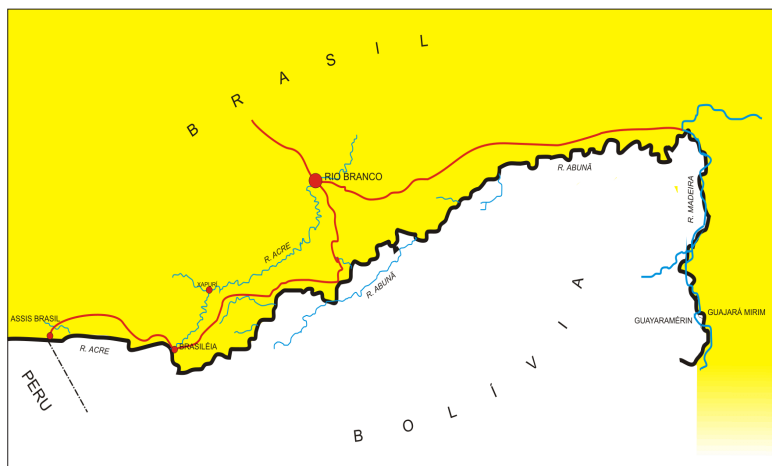
2 Ambiência: [Do fr. *ambiance*.], Substantivo feminino: 1. Meio material ou moral onde se vive; meio ambiente: *ambiência poluída*; *ambiência mística*; 2. Arquit. O espaço, arquitetonicamente organizado e animado, que constitui um meio físico e, ao mesmo tempo, meio estético, ou psicológico, especialmente preparado para o exercício de atividades humanas; ambiente Cf. Dicionário Aurélio Digital, versão 2008.

3 O curso “Gestão Ambiental” fica a cargo do agrônomo Idelberto Miranda, consultor da Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC). Já a pesquisa, sob responsabilidade de Andréa Martini, é um estudo piloto para desenvolvimento de metodologias participativas. Tal estudo é parte do “Plano de Mitigação de Impactos das Rodovias Federais BR 364 e BR 317”, no componente *Apoio às Populações Indígenas*, financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A escritura em língua indígena é aquela registrada pelos escritores indígenas, durante os encontros. Manteve-se o registro escrito feito pelos moradores para observar, quem sabe futuramente, suas percepções linguísticas em português, tendo em vista que a primeira língua dos Jaminawa dessa região é indígena e a segunda, espanhol. Uma tarefa linguística mais apurada deverá ser objeto de pesquisa futura, que já se configura como uma realidade a partir deste estudo ⁴.

Há variados resvalos técnicos e linguísticos no texto. Mas, devemos considerar que é um resultado prévio que requer um olhar cuidadoso, pois se trata de um trabalho em processo, uma conversa em andamento sobre o ambiente que cerca uma aldeia. A proposta, neste contexto, é ressaltar categorias e conhecimentos para que consideremo-las, seja nos planejamentos ou em outros “resultados esperados”, na percepção daqueles que diretamente estão envolvidos. Assim, convidamos os leitores a realizar um mergulho na ambiência Jaminawa.

O CENÁRIO GEOGRÁFICO ONDE SE LOCALIZA A TERRA INDÍGENA JAMINAWA CABECEIRA DO RIO ACRE



A tríplice fronteira e os municípios do Acre.

Elaboração: Denisar Misawa (2010)

⁴ Isudawa, recentemente foi escolhido como bolsista de iniciação científica do “Projeto Rede de Estudos, Pesquisas e Formação de Professores Pesquisadores em Linguística e Educação Escolar Indígena”. Instituições em Rede: LALI/UnB; CFDI/UFAC-FLORESTA, Programas de Pós-Graduação em Letras, PPGL/UFAC - Rio Branco & PPGL/UFRJ. Coordenadora: Profa. Dra. Ana Suelly A. Câmara Cabral (LALI/UnB). NO CFDI, são seis bolsistas de iniciação científica que participam da empreita, além de dois professores e quatro discentes - pesquisadores voluntários, em línguas das famílias Pano e Aruak.

A Terra Indígena Jaminawa Cabeceira do Rio Acre foi identificada em 1987, com superfície de 18.870 ha, sem observar as características socioculturais e históricas do grupo, segundo a própria Fundação Nacional do Índio⁵. A mesma foi interditada pela Portaria nº 1173/PRES/88 e reestudada em 1991, com superfície total de 76.680 ha. A Portaria nº 548/MJ, de 16/11/92, declarou a área com superfície aproximada de 78.512 ha, e perímetro de 170 km, e foi homologada pelo Decreto s/nº, de 14.04.98 com população de 123 pessoas Yaminawa, segundo a FUNAI em 1992⁶.

A TI Cabeceira do Rio Acre localiza-se na margem esquerda do rio Acre à jusante do rio no sentido do município de Assis Brasil, Acre. O município, criado em 1976, situa-se a uma altitude de 239 metros do nível do mar, sua extensão territorial é de 2.884 km² e está localizado, entre os rios Acre e Iaco, junto à margem esquerda do Rio Acre.

Ao sul do município, na outra margem do rio Acre, está a cidade de São Pedro de Bolpebra, do departamento de Pando, território boliviano. A um quilômetro a oeste da sede municipal, também ao sul do território do município, encontra-se o pequeno rio Yaverija que desemboca na margem direita do rio Acre, onde está situada a cidade peruana de Iñapari. Este local constitui-se o ponto tripartite Brasil-Bolívia-Peru, junção de três fronteiras.

Entre as cabeceiras do Rio Acre e Rio Iaco há uma extensa área de trânsito de grupos indígenas considerados isolados, ou seja, grupos indígenas que têm se mantido à parte do chamado processo civilizatório⁷. Em termos de conservação, a região, e particularmente a TI Jaminawa, é uma área extremamente importante face à biodiversidade botânica, à fauna de mamíferos e à biota aquática. (MMA, 2001, p. 67; ACRE, 2000)

No que se refere ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC, a TI Cabeceira do Rio Acre faz fronteira com a Estação Ecológica do Rio Acre⁸, Reserva

5 Cf. ARQUIVO do mapa de terras indígenas (pdf). Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/mapas/fundiario/ac/ac-cabeceiradorioacre/>>. Acesso em: 05/12/2010.

6 Numa tarefa feita pelos moradores - participantes, foi possível chegar a números preliminares relacionados à população em 2002. Moradores em 2002: 229 pessoas, 78 mulheres (34%) e 151 homens (66%). Número de casas habitadas não informado. Em 2003: 238 pessoas, 93 mulheres (39%) e 145 homens (61%). Desse total, 21 moradores são da etnia Manchineri. Nove mulheres. Em 2002, havia aproximadamente 52 casas habitadas. Cf. MARTINI, 2002.

7 “Pequenos grupos humanos que, face às perseguições e massacre sofrido, mantiveram-se afastados de todas as transformações ocorridas no país e continuam como seus antepassados, sobrevivendo da caça, pesca, coleta e incipiente agricultura”. (FUNAI, 2000)

8 Trata-se de uma Estação Ecológica (ESEC), de proteção integral, criada há mais de duas décadas para proteger as cabeceiras do Rio Acre, principal manancial das cidades do Vale do Acre que sofre com a poluição e a degradação ambiental. A reserva limita-se com as Terras Indígenas Mamoadate, ao norte; a TI Cabeceira do Rio Acre, a leste, e a Bolívia ao sul. Foi criada pelo Decreto no. 86.061, de 02 de junho de 1981 e tem 77,5 mil hectares.

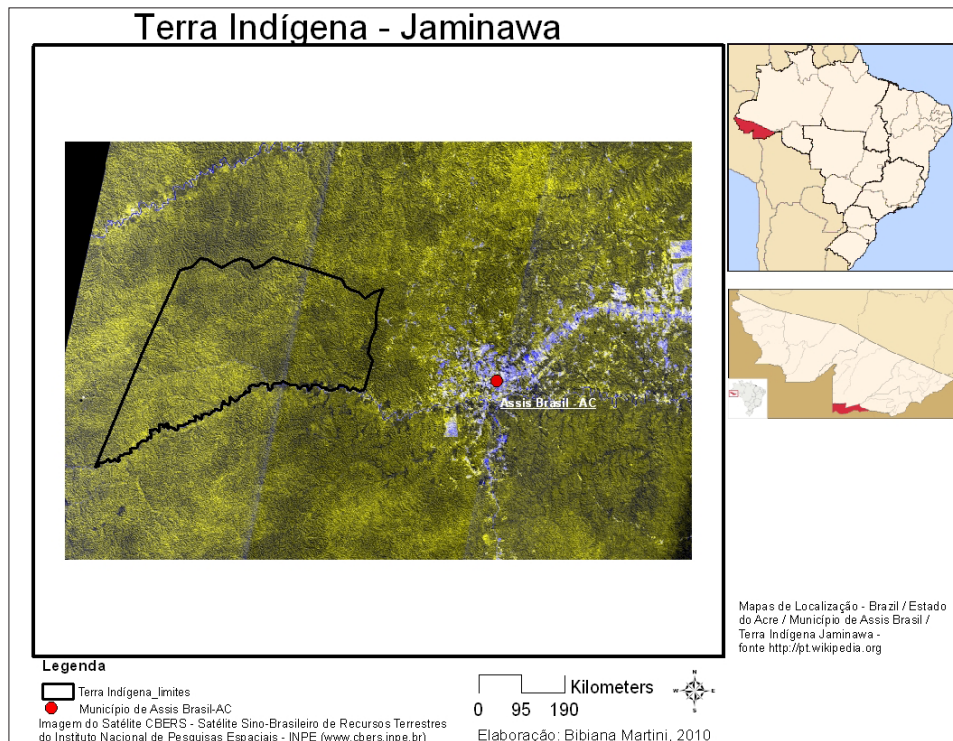


Localização de Assis Brasil.

Elaboração: Denisar Misawa Camurça(2010)

Extrativista Chico Mendes, além da Terra Indígena Mamoadate (Manchineri e Jaminawa). Toda a região faz parte dos chamados “Corredores de Áreas Reservadas” pelo Governo Federal nos Vales do Juruá e do Acre-Purus, fronteira com o Peru e Bolívia. É um dos maiores agregados de unidades de conservação, de uso direto e indireto, do estado do Acre e do mundo.

Tanto pela dimensão quanto pelos atributos, a área sofre com a falta de fiscalização contínua, trabalho realizado pelos próprios moradores. A Estação Ecológica do Rio Acre, por exemplo, sem fiscalização contínua e sem residentes, sofre invasões constantes com retirada clandestina de mogno, caça e pesca comercial. Em 2002, na Cachoeira do Ucuú, área de alta biodiversidade próxima das cabeceiras do Rio Acre, ocorreu grande retirada ilegal de mogno feita por madeireiras peruanas. Embora haja um posto avançado de vigilância do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) dentro da Estação Ecológica, a dificuldade de acesso impõem restrições para a visitação.



A invasão de pessoas sem autorização nas áreas da RESEX, Terras Indígenas e Estação Ecológica é um fator que deve ser analisado, visto que estas unidades de conservação apresentam restrições bastante rígidas quanto ao uso e ocupação. Relatos dos moradores citam a presença de muitos pesquisadores autorizados (apenas) pela FUNAI, ou outras instituições de pesquisa, por exemplo. Os pesquisadores raramente param nas aldeias para informarem sua procedência ou objetivos da pesquisa. Mesmo a Reserva Extrativista Chico Mendes, um tipo de unidade de conservação com menores restrições de uso e ocupação, enfrenta problemas semelhantes. Aumento das áreas de pastagem, derrubada, caçada e pescaria ilegal são vistos como os principais problemas ambientais enfrentados pelos moradores.

A TI Cabeceira do Rio Acre possui quatro aldeias. No sentido a montante do rio Acre, o primeiro local de moradia encontrada na TI é a colônia Pauzada, vizinha da aldeia São Lourenço, considerada a primeira e a mais populosa aldeia, reaberta em 2000. Pauzada fica nas proximidades da divisa, por linha seca, entre a TI e a RESEX Chico Mendes.

Seguindo a aldeia São Lourenço, vem a colônia Apuí, depois, aldeia Ananai, a mais antiga, reaberta em 1998. Acima da aldeia Ananai outra colônia chamada Terra Alta e a aldeia Três Cachoeiras, foram reabertas há três anos. A última aldeia, Boca dos Patos, reaberta há dois anos, tem atraído novos moradores e a população dobrou em doze meses, conforme registros desta pesquisa⁹.

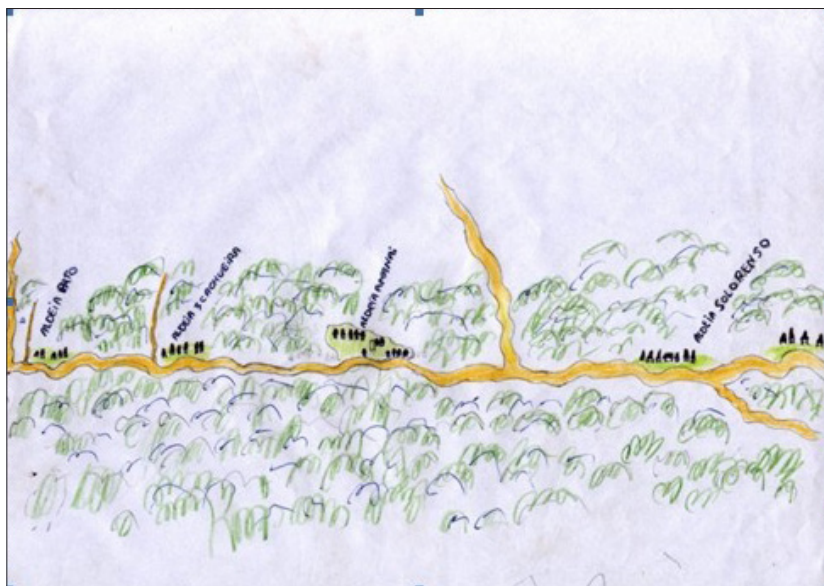


Figura 5 - Cezar Meireles Jaminawa, Quatro Aldeias (2001)

METODOLOGIA

Neste trabalho foram combinadas técnicas de pesquisa, numa espécie de diálogo metodológico, em que sobressaem as técnicas de pesquisa antropológicas, como a descrição etnográfica, entrevista sobre trajetórias pessoais e breves histórias de vida, além da chamada “observação participante” e “estudo de caso”.

Numa convivência direta, através de intensa troca de informações entre colaboradores e pesquisadores durante a pesquisa de campo, apreendem-se as

⁹ Agradecimentos sinceros e votos de muita saúde aos seguintes: Manchineri e Jaminawa da Terra Indígena Cabeceira do Rio Acre. Ao senhor Antônio Luis Batista de Macedo, sertanista da Fundação Nacional do Índio (FUNAI/AC), pela orientação técnica e estímulo. E às instituições: Secretaria de Assistência Técnica e Extensão Rural (SEATER/Assis Brasil); Gerência de Assuntos Indígenas, Secretaria de Estado de Ciência Tecnologia e Meio Ambiente (GAI/SECTMA, à época) e Instituto de Meio Ambiente do Acre (IMAC), pelo respaldo técnico-institucional.

categorias ditas locais de entendimento e percepção sobre diferentes cenários e/ou ambientes. Tais informações e conhecimentos não são considerados “anexos” ou apenas, exóticos. São tratados como o foco principal da pesquisa ou seu fundamento, em termos conceituais.

São também valiosas, outras estratégias participativas e complementares de obtenção de dados que consideram e potencializam linguagens artísticas e orais entre populações com pouco ou nenhum letramento¹⁰. São técnicas e metodologias provenientes da arte-educação e outras atividades lúdicas, como a escrita de textos livres, desenhos, pinturas e narrativas feitas individualmente, no caso de especialistas locais, em grupos pequenos e grandes, organizadas por temas de interesse, categorias de pessoa e/ou etárias.

Buscando possibilitar ao grupo expressar suas percepções, foram adotadas, portanto, estratégias que permitissem não somente a expressão verbal, mas o registro dessas impressões. Assim, pinturas, desenhos, história de vida e narrativa foram algumas das propostas ao grupo nos encontros¹¹. Realizados passeios em grupos ou individualmente, as descrições sobre cenários, ambientes e zonas de uso foram depois desenhados, narrados e transcritos.

Também procuramos contrastar imagens e análises descritivas feita pelos moradores, através de seus desenhos e conversas sobre os ambientes que conhecem e posteriormente, sobre os ambientes de cada aldeia¹².

Assim, delineiam-se as interações que compõem a floresta. Trata-se de uma experiência coletiva de manejo e zoneamento dos recursos naturais ao longo do tempo. Como exemplo, da preciosa combinação entre narrativas e desenhos para a descrição de ambientes, temos o “quadro vivo” feito por Eduardo Melendes Jaminawa ou Raudi¹³ da aldeia Boca dos Patos. O tema de sua pesquisa individual era “YIA - Lago ou Igapó”. (os comentários na edição aparecem entre colchetes).

10 E, por vezes, políglotas em duas línguas indígenas, além do espanhol e português, como é o caso de alguns Jaminawa e Manchineri dessa região.

11 Um exemplo: “Segundo **Helena Ikawai Jaminawa**, antigamente os Jaminawa viviam no Alto Purus, do lado peruano. Com a intermediação de outros grupos indígenas como os Manchineri, passaram a trabalhar no caucho para o peruano Esteban Melendes, no Rio Chambuyaco. Depois rumaram para o rio Chandless, no Purus e posteriormente para o seringal Petrópolis no Alto Rio Iaco, na época de propriedade da família de Canizo Brasil. A maioria dos moradores da TI atual residiam e/ou nasceram no rio Iaco, trabalhando em diversos seringais, colônias e cauchais. Em 1975 cria-se o Posto da FUNAI, na atual TI Mamoadate. Várias famílias foram transferidas para a aldeia Extrema, no Alto Rio Iaco, onde já viviam famílias Yne (Manchineri). Outras famílias foram instaladas acima do seringal Petrópolis, na aldeia Betel. Havia conflitos, mas, ninguém gosta muito de falar sobre isso (...). Cf. Item “Anexo A. Breves Trajetórias Jaminawa”. (MARTINI, 2002, p. 53-56)

12 Experiências semelhantes em Roing e Martini (2002). “Geologia e Geomorfologia” IN: Carneiro e Almeida, (2002). *Enciclopédia da Floresta*. São Paulo: Cia. das Letras, pp. 43-50.

13 Nasceu na Bolívia, Seringal Boca do São Pedro, abaixo de Assis Brasil. Com 28 anos e três filhos em 2002.

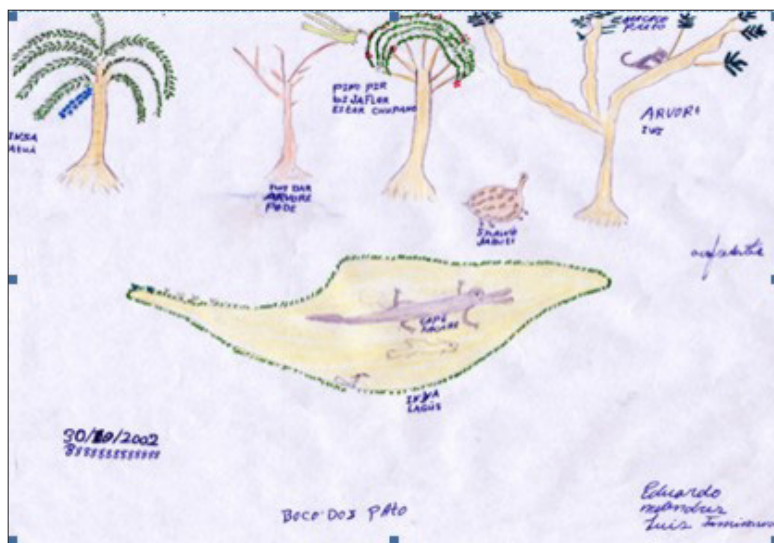


Figura 6 - Raudi, Yia - Lago, Aldeia Boca dos Patos (2001)

“Eu desenhei aqui o patoá e até árvore podre eu desenhei. Fiz lago com vários peixes dentro, até o jaboti. Desenhei o macaco preto porque em nossa aldeia tem muito. No desenho não fiz minha casa, fiz mais as coisas da natureza, passo o tempo da minha vida no roçado ou na mata caçando. Na beira do lago tem muito jaboti. O jaboti várias pessoas falam que é reimoso porque come bicho morto e podre, come orelha-de-pau e frutas. Nós também comemos TXURA, orelha de pau. Tem três tipos: vermelha, branca e preta¹⁴. Cada orelha-de-pau tem seu próprio pau para nascer. Tem até o tempo de apodrecer o seu talo para cair. Quando ele cai não presta mais para comer porque já está morto... Já esse pé de patoá está aqui porque tem muito em nossa aldeia. Serve para nosso alimento e é muito gostoso, tem muita vitamina. Fiz o desenho de um beija-flor chupando flor porque também tem bastante. Aqui neste lago tem muito jacaré, jaboti, curimatã, pato-do-mato, curimatã, sarapó, peixe-elétrico, bodó, tracajá, traíra, tamboatã, caranguejo, mané-besta, cará, sendo que o siri é o cacique do lago. Todos servem para nossa alimentação. Tem muito bacaba [palheira ou palmeira]... A principal alimentação do jacaré de dentro do lago é o caranguejo, mas, sempre que matamos um jacaré e vamos tratar, encontramos cobras, ratos, sapos e outros bichos dentro dele. Quando ele não encontra nada, o jacaré engole um pedaço de pedra; pra ver se é bom!” [Risos].

14 Qualidades de orelha-de-pau: TXURA ou “orelha de burro” de cor encarnada; KODÔ de cor branca gosta de aparecer em *gameleira*, em pau de madeira mole que está caída; TARAPATXUÁ de cor preta, que não se come e gosta de âmagô de pau d’arco (ipê). Segundo os autores Jaminawa.

Cada recurso disponível, descrito com paciência por Raudi, está ligado intimamente com todas as outras formas de vida presentes. Trata-se de um dispositivo/categoria para ver, utilizar e pensar/narrar o mundo. Portanto, não poderíamos estar falando de recursos naturais e/ou extrativos, sem falarmos também de pessoas, plantas, geomorfologia, solos e bichos.

Para aprofundar as informações, uma ferramenta metodológica fundamental foi a observação das interações entre os recursos informados e seu ambiente. As formas sociais de utilização desses recursos, ou como e para quê servem ou serviram tais recursos (Cf. Orientações de Antônio Batista de Macedo). Também foram descritas as zonas de recursos consideradas importantes pelos moradores, áreas de co-utilização ou vizinhança com unidades de conservação, colônias, assentamentos, municípios e fronteiras internacionais, assim como, áreas de invasão, questão e conflito. (MARTINI, 2002, p. 47-50)

A pesquisadora fez várias caminhadas com os moradores, durante o curso e as visitas. Os desenhos, feitos em grupo ou individualmente, foram resultado da observação durante as caminhadas, em equipes ou individualmente. A descrição detalhada dos desenhos era feita durante a apreciação coletiva e apresentação das pesquisas, ao final do dia. Os textos produzidos foram em língua indígena e português.

Assim foram descritos oito ambientes que compõem a região da Aldeia Ananai; local onde estávamos reunidos para o curso (30 participantes). Os ambientes categorizados foram: restinga, roçado, praia, lago, igapó, igarapé, campo e baixo ou várzea. Tivemos ainda um dia de trabalho, em que todos os participantes desenharam e descreveram seus próprios roçados, individuais ou coletivos (ver item: “Roçados”).

É importante lembrar que atividades como extrativismo, agricultura, criação de caprinos, ovinos e pequena criação de gado, pesca e caça, suprem praticamente tudo o que os moradores da região utilizam e necessitam para viver com qualidade. Da floresta retiram equipamentos vários e todo o material para a construção de *faladas* “casas sem prego”.

“Tudo vem dela, da floresta e do trabalho sobre a floresta”. As artes, tecnologias, meios de transporte, alimentos na forma de frutas, mel, vinhos de palheira, cocos, bichos, fungos, remédios, fibras, fios, azeites e tinturas. A inserção de recursos financeiros como salários, aposentadorias e auxílio-maternidade, além de cargos administrativos nesse universo delicado de interações, transtorna, em grande medida, tais relações e deveriam ser observadas com mais rigor sociológico.

Para propor indicativos de uso dos recursos adequados a essa região, sua população e organização social, faz-se necessário observar os usos sociais desses recursos, além da quantidade de conhecimentos agregados, para além de sua utilização física e prática. Nesse cenário, deve-se também atentar para as fórmulas locais de gestão,

manejo, posse e propriedade desses recursos, expressas ainda que discretamente, nos desenhos e descrições de ambientes respectivos.

É para além da interação entre os ambientes e seres vivos que compõem a floresta, que devemos conduzir nossa perspectiva de desenvolvimento para os povos indígenas. Como argumentava Antônio Macedo: “*Gerar renda é o quinto dedo da mão!*”, em se tratando de povos da floresta. A proposta, eu arremedaria, não é simplesmente, “redistribuir renda”. É facultar entendimento aos nossos olhares inquiridores.

AMBIENTES (CENÁRIOS)

Distintos ambientes, ou cenários, compõem a floresta dos moradores da TI Jaminawa Cabeceira do Rio Acre. Cada cenário da floresta é descrito segundo a observação, a pesquisa e a experiência dos atores, e cada qual terá concepções distintas e únicas. Neste item, em particular, são descrições de homens adultos, portanto, as informações contêm um recorte por gênero e categoria etária; a do “homem feito”, entre 35 e 55 anos. Cabe ressaltar que nesse momento não foi nosso objetivo analisar tal recorte.

Como dito anteriormente, para descrever tais ambientes, os moradores acionam uma ampla rede de informações interligadas. Destrincham qualidades de mata, terra, relevo, águas, bichos, alimentos, madeiras, frutas. São sistemas dinâmicos que incluem apreciação e observação contínua para regular acesso, manejo e zoneamento da floresta em questão. Alguns dos ambientes não contam com desenhos ou nome do grupo, pois, foram descritos e transcritos durante as “caminhadas de pesquisa”, tal como denominados os passeios realizados com os grupos e a pesquisadora.

CLASSIFICANDO OS AMBIENTES

DII BEBISBA MATA VIRGEM (descrição feita durante uma caminhada por autores variados, homens):

É a mesma mata virgem; mata que nunca foi desmatada. Pode ser *mata bruta cerrada com taboca* [bambu] ou *mata bruta limpa de restinga* [ver à frente]. Tem pau que só dá em mata bruta, como aguano [mogno], cumaru [cerejeira], copaíba e manixi. Jaracatiá em todo o canto tem, mas ele gosta mais de mata bruta.

Para abrir a mata bruta e *botar roçado* é necessário derrubar com machado os paus grandes e brocar com terçado o mato miúdo e os paus finos. Depois, é necessário queimar e encoivarar os roçados, retirando paus, raízes e tocos. Um vizinho, parente ou amigo, por vezes, todos os moradores de uma aldeia, em idades variadas, auxiliam-se nas atividades de derrubada, queima e encoivara. Depois se semeia o roçado, plantam-se as *manivas* e os filhos das plantas, como bananas. Deve-

se manter o roçado limpo do mato que nasce junto com o *brolho* ou broto das plantas. Os moradores preferem brocar capoeira, porque dá muito trabalho derrubar com machado a mata bruta e porque “macaxeira não dá bem na pausada”. Usando as capoeiras e deixando a mata bruta em pé, os moradores colaboram com a conservação da floresta, manejando-a de forma sustentável. “Usa, mas, sem espatifar a mata”.

MASE PABIS CAPOEIRA

Informações: Messias Yoxinawetxo Jaminawa, Raimundo Manchineri.

A capoeira é a mata que nasce quando se abandona um roçado ou campo (pasto). Pode nascer também, depois que cai uma árvore grande no meio da mata. É como se fosse a pele da pessoa sarando de um golpe. A capoeira serve para tornar a terra boa para produzir de novo e descansa a terra. Macaxeira e banana produzem bem em capoeira, além do que, as capoeiras são boas produtoras de legumes, depois que descansam entre três e oito anos. Existem duas qualidades de capoeira: a fina, rala ou nova e a capoeira grossa, cerrada ou velha. Capoeira fina tem canafista, algodoeiro brabo, jurubeba, taboca, inharana ou tamiorana, cedro, cajá e assá-peixe. Assá-peixe serve para curar *dor-dói* [conjuntivite]. A tamiorana serve para dar sono. Capoeira fina, com dois palmos, já pode ser usada para plantar macaxeira, milho e banana. Planta carreira larga, de forma que todas as plantas cresçam bem.

Capoeira grossa é aquela que tem mais de seis anos de descanso. Alguns colaboradores consideram capoeira grossa, roçados com mais de seis anos. Os paus da mata já estão grossos, tem ingá e mulungu. Uma capoeira velha, com mais de trinta anos, já fica muito parecida com a mata bruta de novo. Na capoeira, tem um mato para matar a sede, chamado canela-de-anta, tem espinheiro que cura quebrante e pneumonia em menino pequeno. Tem pau para esporada de arraia, cipó e folhas para ferrada de cobra, flores, abelhas, envira, além de outros matos e bichos com serventia.

BATXE KUIA TERRA ALTA ou FIRME

Informações: Adelson Manchineri, Agostinho Shubadāwa.

Lugar bom de morar, pois, tem vertente e não alaga. As terras firmes formam grotas e grotiões; brechas por onde escorrem os olhos d’ água ou vertentes que geram rios e igarapés. *Grota* “é a descida que o igarapé faz na terra” e *grotião* “é uma descida feia, funda”. Entre um igarapé grande e outro, existem as chamadas terras firmes “de divisão ou terra chefe”. São aquelas que dividem ou separam as cabeceiras de rios e igarapés, responsáveis por sua formação. O lombo da terra ou sua chapada é a lateral da terra firme. A nambu azul gosta de terra firme e, no verão, gosta de água. Na terra firme as árvores são maiores. Da terra firme gosta a madeira



guariúba, “o breu do índio” da qual retiram o leite, esquentam e produzem um breu escuro para calafetar embarcações.

MANASHARA RESTINGA

Tradução, desenho e informações: Rivaldo Jaminawa, Amauro Jaminawa e Adelson Manchineri.

Mata limpa em que “a gente vê os bichos de longe”. A mata de restinga geralmente é na terra firme, com muita canela-de-velho. Na restinga de terra firme tem muita palheira como: açai, ouricuri, jarina e coquinho de jaboti. Todas essas palheiras são muito apreciadas por bichos de pena, de casco, caças e embiarias. A paxiubinha gosta de ficar no “pé de terra” e alimenta nambu, jaboti e KAPA quatipuru. O açai é apreciado pela nambu¹⁵, SHUKU tucano, jacu, SHUDÁ cigana, VAWA papagaio, aracuã e KUNIWA poraquê.

Existe também a *restinga de baixo*, como informa Shubādawa, conhecido também como *baixo arrestingado* ou *baixo pé-de-restinga*. Baixo ou várzea é o nome local para as regiões alagáveis ou inundáveis: “Essa mata de baixo mais *arrestingada* é um

15 Qualidades de nambu: relógio, galinha, preta, azul e macucau. A nambu é chamada de “relógio do índio”.



baixo aberto. Tem restinga no baixo e também em terra firme. No baixo é chamado de “baixo de restinga” e dá muita sororoca. Já na restinga de terra firme, não dá sororoca.”

Nessa restinga de baixo, como foi dito, dá muita sororoca e paxiubinha. Por esse motivo, o jaboti e a nambu apreciam estar por ali. Também tem muita pama [fruta] e diversos bichos que se alimentam dessa fruta, como cotia, anta, veado e paca. A pama pode ficar embaixo ou em cima da terra firme. É um bom lugar de espera¹⁶ para caçador. Na restinga também tem muita canela-de-velho que serve para varrer o terreiro das casas e fazer gancho de baladeira [estilingue, atiradeira]. A canela-de-velho gosta de ficar encostada em pau grande de restinga. Louro que serve para picada de arraia gosta de restinga, assim como, o taquari que faz peneira e um “quebra-cabeça do índio”.

A mata de restinga tem muitas qualidades de madeiras ou paus, como samaúma, jatobá, cajá, cumarú, miratóá e pau d’arco roxo e branco. A fruta do jatobá-de-

16 Espera é uma técnica de caça, em que o caçador fica esperando a caça no local em que ela se alimenta. O caçador pode esperar deitado na rede, na altura dos galhos de uma árvore próxima ou imóvel e escondido nas proximidades. Os Jaminawa e Manchineri da região caçam utilizando esta técnica. Já os Katukina do Igarapé Campinas dizem que “índio não caça de espera”. Palavras pouco conhecidas podem ser encontradas no glossário, no final do texto.

terra-firme serve de alimento para anta, porquinho, onça, queixada, cotia e gente. O miratoá serve para madeira e o morcego aprecia suas frutas. O pau d'arco serve para esteio, remédio, tábua, barrote e carvão. A flor do pau d'arco atrai o mamangá e outras abelhas.

São em número de dez as abelhas reconhecidas e há muitas controvérsias sobre sua classificação: **SĀMU** italiana; **WUDA** “abelha cor de cinza”, “são todas as abelhas que fazem mel”, “é o nome da urucu-boi também”; **SĀMU TUXI** “produz mais mel do que as outras. Ela imita a italiana, mas, não é. Não tem esporão”; **BADU** “todas as qualidades de arapuá”, “arapuá listrada”; **WĀKU** “arapuá”; **PUSEWU** “arapuá listradinha, tipo de abelha parecida com bicho preguiça, PUSEWU é bicho preguiça”; **KUYU TXIURUCH** “mosquinha que fica no cupim, pequenina, faz mel e mel pouco”; **TXATA ACHWA** cu-de-vaca; **uruçu**; urucu-boi; urucu-janaína e **SAMUTXĀ**, sem maiores distinções.

TENAMARI BAIXO ou VÁRZEA

Informações: Adelson Manchineri, Agostinho Shubādawa.

O baixo fica no *lombo* da terra firme ou na *chapada* da terra. Muitos bichos gostam de estar no baixo: tatu, paca, porquinho, cotia, anta¹⁷, veado e nambu macucau. Veado gosta de estar em balseiro, num amontoado de paus e galhos. Esses bichos se alimentam de ouricuri, paxiubão, buriti, coquinho e embaúba; palheiras e paus que se dão bem nesse ambiente.

Algodoeiro brabo, pau de malva e TXEWESH canafista também se dão bem no baixo, assim como, as palheiras murmuru e jarina. O ingá e a gameleira gostam de estar em beira de baixo ou no *aceiro* do baixo. O baixo que tem muito buriti é conhecido como baixo de buriti, “lugar bom de YAWA queixada”. Tem também o baixo de sororocal com muita sororoca que é “lugar bom de jaboti”. Tem baixo cerrado e baixo limpo. O baixo cerrado ou *chavascal* tem muito tabocal, cipoal com cipó espera-aí e tiririca, unha-de-gato, malva e palheiras, como paxiúba, ouricuri e murmuru. Às vezes, tem coquinho de jaboti e coco marajá, mas, o marajá, na região, é pouco. Os bichos que vivem no baixo cerrado são o quati-puru e o jaboti. Já no baixo limpo, baixo *arrestingado* ou *sororocal* é “bom de andar”. Tem paxiubinha, paxiúba, taboca, cipó, sororoca e madeira amarelão; boa para tábua e construção.

IYA IGAPÓ

Tradução, desenho e informações: Isudawa, Pajoca, Variyamapa, Shadawadi (Ananai).

¹⁷ Um morador afirmou que merda de anta funciona como tinguí para matar peixe. Não pudemos, até o momento, confirmar essa informação.



É onde alaga no inverno, antes da terra firme. A diferença entre igapó e lago é que o igapó seca e o lago não seca. Segundo Isudawa: “Dentro do igapó fica o jacaré. Conforme o igapó vai secando, no verão, o jacaré desce para o rio. A gente se alimenta de sua carne e acho que não só nós; muitas pessoas comem até mesmo os brancos (...)

Já a curimatã não sai do igapó, mesmo quando começa a secar. Ela serve de alimento para martim-pescador, socó, garça e WUSI lontra. O tracajá desce para o igarapé, rio ou lago. A jibóia d’água ou sucuri vive na *tronqueira* em volta do igapó¹⁸. A gente não come esta cobra: “Quando os igapós estão secando, se torna mais fácil pegar peixe. Então, as pessoas vão pegar peixe, mas, também dão de cara com muitas jibóias.”

Na aldeia Ananai, por exemplo, tem dois igapós: o “de cima” e o “de baixo” da terra firme. Entre dezembro e fevereiro, o igapó de baixo fica cheio e tem até jacaré. Quando o igapó seca em junho, se pega muito peixe. O porquinho gosta desse igapó, pois, fica próximo das frutas que ele aprecia como SHENA ingá, SHUVWE gameleira e coquinho. O buriti e o açaí que gostam de molhado servem de alimento para animais e pessoas. Quando o igapó seca, as árvores que gostam de água secam junto. No

18 A jibóia morde, mas, não é venenosa. Se uma mulher é ferrada ou picada pela jibóia, todo o homem passa a sentir atração por ela. Os antigos, depois da cobra morta, chupavam sua língua e tomavam cipó, para ficar com sua sabedoria.

igapó de baixo também dá muita embaúba, alimento de paca. Tem também tatu, muita TSINA cotia, veado, porquinho e nambu macucau.

O igapó de cima fica atrás de uma terra firme. Ele se forma com a alagação de um igarapé que bota água ou deságua no Rio Acre. Nesse igapó tem VUTO pau seco e TAPU sacupemba, para peixe e inseto se esconder, como o poraquê, DESHU tracajá e RUNUWA jibóia. Antes de botar fogo no roçado, o pessoal costuma jogar um espinho do osso de poraquê no roçado para queimá-lo bem. E menino novo não pode comer desse roçado.

Outros bichos que moram no igapó são: BAKĀ traíra¹⁹, tamboatá, KAPÊ jacaré, YAPA piaba, SANI ji-tubarana, SHAU jacundá, SHATXU siri, BESHKU traíra, NERU muçum²⁰, caranguejo preto²¹, BAKE piranha, SHAU mandim-mane-besta, MÃI cará, WĀTU piau, HUWE curimatã, camarão, DÉSA tartaruga-de-igapó e NUXAWĀ ou peixe gijú.

Esse tal peixe gijú anda no seco, entre igapós e lagos, em busca de água. Dizem que é primo do mane-besta e da traíra. O gijú fica muito gostoso feito patarasca, embrulhado em folha de sororoca com temperos e *moquinhado* na brasa.

SHATXU, o siri, pode ser comida cozida, assado, moquinhado, embrulhado na patarasca de sororoca e torrado. DÉSA, a tartaruga-de-igapó “tem um pixézinho ativo” e não presta para homem junto ou casado comer. Se comer, ele deixa a mulher. Se a pessoa acha a tartaruga-de-igapó e faz de conta que não vê, o casal se deixa, mas, pode voltar. No igapó também tem EDEAKA socó, cigana e ingá que é alimento de cigana. A cigana quando o igarapé seca vai embora. Se estiver com filhote, ela cria dentro do igapó seco, escondida de outros bichos.

IYA LAGO

Desenho, tradução e informações: Santo, Adelson, Marivaldo e Osvaldo Jaminawa.

Na língua Jaminawa (Nuke Tsāi), igapó e lago possuem o mesmo nome e suas características são semelhantes. Em volta do lago tem sororoca, UWAITSA, pau d'alho; ÂME capivara; PUPU caboré²²; tucano; IDU onças e gato-maracajá²³; buriti; EPE jarina; WASHAWA manité; DEDA pupunha; DESHESH cigana; BADE sororoca;

19 São três as qualidades de traíra. A traíra-de-igarapé, a traíra dois-melão, a mais branca que gosta de ficar em beira de praia e a traíra preta, chamada pau-de-nêgo que vive em igapó.

20 O muçum é parente de peixe e poraquê: “É peixe porque a gente come”.

21 Tem caranguejo preto, amarelo e encarnado. “O preto é valente e vive em igapó. O amarelo e o encarnado vivem no igarapé e no rio. Só vão para o seco quando estão de viagem”, conforme Isudawa.

22 Os participantes consideram parentes os seguintes bichos-de-pena: caboré, caboré-mirim, coruja, mãe-da-lua, corujão e coruja bode. As corujas e os tucanos gostam de estar em pau seco.

23 Qualidades de IDU, categoria para gatos do mato e onças. IDU: gato maracajá e suas subdivisões: pintadinho, listradinho, preto e açu (não temos o nome na língua); XARAWU ou onça pintada; WISU IDU ou onça preta; 4. TXASHU IDU ou onça vermelha, e literalmente, onça-veado.

canoa. No “seco do lago” dá muito apuí que serve de alimento para peixes, como a curimatã e bichos como anta, veado, jaboti, porquinho e capivara. A capivara²⁴ gosta de estar em beira de lago e igarapé, onde tem muito algodoeiro, assim como, o gato maracajá e o gato preto que ali apanham peixes e bichos para alimento.

Jaboti também gosta de viver em beira de lago, onde tem muito alimento e sororoca, folha que o protege do sol e da chuva²⁵. A sororoca também serve para cobrir tripa de bicho e esconder cartucho para não molhar. A folha é usada para *moquinhar* peixe, carne e fazer patarasca, um embrulho para assar peixe. O beija-flor gosta de chupar o docinho que fica na flor da sororoca. Para Júlio Isudawa, a natureza cerra o lago quando as pessoas não zelam. Tira-se muito peixe ou mata sem precisão, começa a aparecer MURA ou aguapés dentro do lago: “é um sinal da natureza para proteger o lago de usar muito. A natureza fechou e quando ela achar que estamos merecendo, ela manda bastante água, para encher o lago de novo”.

Os bichos que vivem dentro do lago são: MAPITAXA camarão, RUNUÃ cobra jibóia, DUTXU caracol, NERU mussum, NUNU pato-do-mato, cará²⁶, BESHKU traíra, caranguejo SHATXU “o cacique do lago”, siri, jacaré, piranha²⁷, KAPIRIBA curimatã, tamboatá, sarapó e cará. Tem jacaré branco e preto. Tem três qualidades de pato-do-mato: paturi, XARARA e o pato comum do mato. Os três são bons para comer, sendo que o pato comum é o mais gostoso e o paturi é o menor dos três. O tracajá gosta de morar em lago, rio ou igarapé grande como o São Lourenço, Matanza ou Patos. DUTXU, o caracol tem de duas qualidades: o caracol d’água, comida de jacaré e gente e DUPUSH, o caracol grande que vive no seco. MAPITAXA, o camarão também tem duas qualidades: vermelho e preto, que alimentam gente, peixe e jacaré.

Todos os animais citados podem ser comidos. Hoje em dia, os Jaminawa raramente comem a cobra sucuri e patarasca de muçum, mas, os antigos apreciavam e comiam muito. Alguns bichos não são comidos pelos Jaminawa da região: cururu, urubu e a maioria das cobras. Antigamente, evitava-se o consumo de carne de gado e carneiro, principalmente entre as mulheres. Hoje, muitos comem e criam tais animais.

SHESHA IGARAPÉ

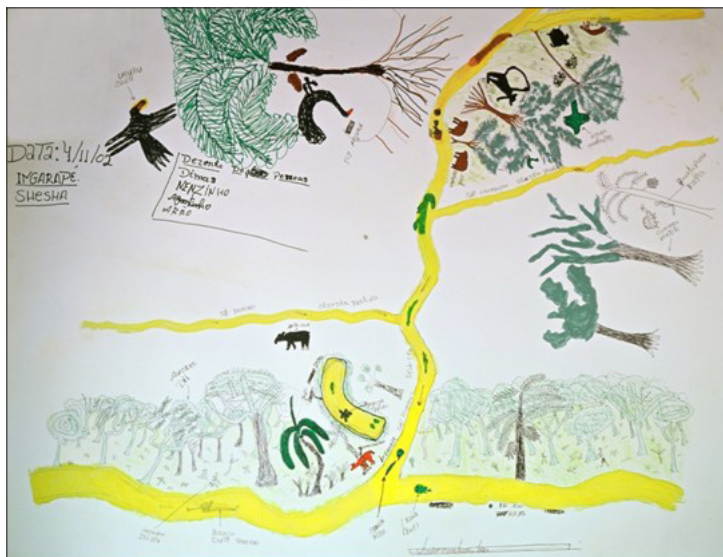
Tradução, desenho e informações: Dimas Oscar, Agostinho Clementino, Nenzinho Batista e Arão Meireles Jaminawa.

24 Duas qualidades de capivara, TAUAME, preto pequeno e TXASKAME, vermelho grande.

25 O sol e a lua são importantes referências para a mitologia e a história Jaminawa. Para Santo Jaminawa: “Segundo os mais antigos, a lua é nosso pai, aquele que nos fabricou. A lua foi embora porque cortaram seu pescoço. Deixaram só a cabeça que hoje está no céu, separada do corpo.”

26 Foram identificadas, seis qualidades de cará: peixe cará, cará “do olho”, cará do igarapé, cará do rio, cará do igapó e cará do lago. Notem a importância dos ambientes na classificação local de espécies.

27 Piranha melão ou pequena, piranha grande e piranha de lago.



Para comentar o ambiente do igarapé, a equipe fez um desenho sobre os igarapés que deságuam no Rio KÁYA ou Acre, próximo às aldeias Ananai e São Lourenço. Foram desenhados, os igarapés São Lourenço, São Domingos, Lobiaco e São Lourencinho. Entre o Rio Káya e um de seus dois afluentes, conhecidos pelo nome SHESHA PASHKO, o Igarapé São Lourenço, tem uma mata com muito PITIWIBI cumaru, ISTANATI aguano ou mogno, ingá, KAPA quatipuru e açai. No igarapé São Lourenço, a uma hora e meia da boca, tem um lago cerrado que dá de mariscar. Nesse lago tem curimatá, traíra, jacaré, cará, poraquê, tracajá, caranguejo, camarão, cigana, jacaré e o vice-cacique é o manoel-besta. Ao lado do lago tem VAKI, o jaracatiá que gosta de ficar em beira de lago.

Na mata que fica entre o São Lourenço e o Lobiaco, o outro igarapé chamado SHESHA PASHKO, tem muito cajá. SHESHU, o cajá, ITXUPA, a cajarana e TXITXIRATUKU, o cajá-brabo têm o mesmo cheiro e todo o bicho aprecia, principalmente, SHAWE, o jaboti. Tem também manité, comida de papagaio e macaco preto. Na beira destes igarapés dá muito HUKU, a embaúba. A HUKU WIBI, ou seja, a fruta da embaúba serve de alimento para quati, cujubim, jaboti, paca e todos os tipos de macaco. Acima do São Domingos tem muita fartura de caça: ÂSI mutum nas palheiras e SHETE urubu voando. O cacique dos urubus é o IXPI, o urubu-rei. Ele é o primeiro que belisca a carniça e só depois, chegam os outros urubus.

Entre o igarapé São Domingos e o Rio Acre tem uma mata com DII árvores, onde DIIBISH, o caçador, gosta de andar. Nessa mata tem muita anta e um igapó cheio

de tracajá. Em volta do igapó tem SHEU ouricuri e TXASHE veado. No Rio Acre tem muitos peixes e bichos como XIBA sarapó preto e IWI arraia. Na beira do Rio Acre tem muito ouricuri, que é comida de jaboti e gameleira, comida de porquinho, queixada, veado e anta. Tem também coquinho que é comida de jaboti, quatipurú e veado. Nessa mesma mata tem árvore de pequi, lugar bom para rastejar jaboti e madeira gitó que serve para tábua e alimenta peixe, veado e cujubim com sua fruta. Com tanto alimento, a mata fica cheia de bichos e os caçadores apreciam caçar no pique que vara ou atravessa essa mata.

BISHPU PRAIA

Tradução, desenho e informações: Messias Nunes Jaminawa, Ogildo Jaminawa, Cleumo Batista Manchineri e Raimundo Jerônimo Manchineri. Correção: Raimundo, José Martins, Adelson e Amauro.

A praia aparece mais no verão, quando os rios e igarapés secam e o pessoal aproveita para plantar melancia, feijão, amendoim, milho e gerimum na areia da praia. O pessoal gosta de passear pelas praias no verão e quando estão viajando de canoa, costumam andar *praiando* para pescar e descansar o remador. Na praia fazem TAPAS tapiri de TAWA canarana para descansar e comer. A canarana ou frecheira serve para construir e amarrar o tapiri, fazer varejão, caibro e bucha de cartucho. Também serve para fazer balaio e paneiro com as palhas. Do pendão fazem flechas. Sobre a canarana gostam de descansar as garças: garça da pequena e da grande branca, prima do jaburu. No alto da praia tem SHUPA mamão, assá-peixe, TARADA mamona-da-praia, PATXIWE samaúma, WUKU embaúba, BAKESH, TXASHU BESHOW e WAWAKURUIWI, cacau preto. Também tem TAPU sacupemba e KURA taboca. No baixo da praia tem TAWA canarana, BADÊ sororoca, DEWERAU mata-pasto, TXI KETEA, SHUPU PAWA, BAKESH e ANUARA melancia. Os bichos que gostam de ficar na praia são o tetéo TETESHIKA e o tracajá.

Segundo Raimundo Jerônimo Manchineri: “o tetéo é uma ave que começa a botar seus ovos na mesma época do tracajá, em julho mais ou menos. O pessoal chama o tetéo de “vigilante da praia” porque quando vem gente, ele começa a cantar, como se estivesse avisando. Dizem também que não dorme: é dia e noite acordado. Outros dizem que ele dorme com um lado até a meia noite e depois da meia-noite, dorme com o outro lado.” Tracajá fica tomando vitamina do sol e tem de duas qualidades: capitari e DASÃ. Outros bichos que gostam de estar na praia: WITXU, ÂSI mutum, PA cigana.

O mutum fica na beira da praia para comer cigarras, mas, ele também come frutas, como o guaraná. Ao longo da praia tem WISHO, DEDA pupunha pequena,

ITXUPA cajarana e TETESHIKA ou tetéo. Dentro do rio também tem muitos bichos importantes. Peixes como IPUWA bodó²⁸ e NUNU pato. No rio, tem três qualidades de KAPE jacaré: tinga ou papo-amarelo, jacaré preto e jacaré-açu, o “jacaré-chefe”, o maior de todos. Os peixes podem ser de escama, de couro ou de casco. SHATXU, o caranguejo, o pessoal sabe diferenciar pela cor, o formato do casco e o local onde ele mora. Tem caranguejo preto de igapó, amarelo “chatinho”, vermelho e branco de igarapé.

CAMPO

Tem campo ou pasto plantado apenas na aldeia Ananai. No campo também tem muito mato, madeira e palheira com serventia. Tem a alfavaca que serve para dor de barriga de gado, bichos e gente. Tem mastruz que serve contra verme, o sumo e o chá e para sarar pancada. O cedro é uma madeira que cresce em campo e serve para fazer tábua e canoa. Tatajuba, uma madeira de lei, difícil de morrer, serve para curar dor-de-dente. Já a gameleira, só dá no aceiro do campo e a jarina gosta mais do alto do campo. No campo e no aceiro do campo da aldeia Ananai tem várias palheiras, como murmuru, jarina, coquinho de jaboti e buriti. As mamangás levam nas asas, os ovos ou pólen entre as buritis fêmea e macho. “Só um buriti macho não dá fruta”, segundo Raimundo Manchineri. Ratos e passarinhos comem a semente do capim e semeiam capim pelos roçados²⁹.

BREVE CONCLUSÃO

A percepção do espaço e como elementos do meio físico e biológico se integram em determinado ambiente é um fator importante a ser considerado quando consideramos a gestão territorial, o uso e a ocupação do solo. No que concerne às Terras Indígenas, essa percepção parte, em geral, daqueles que desconhecem essa dinâmica local, técnicos do governo ou de ONG's.

As comunidades indígenas que habitam as TI's têm um conhecimento dos processos e dinâmica do meio natural que foram adquiridos e transmitidos de geração em geração. A maior parte desse conhecimento advém da observação da natureza, de como cada sistema (rio, floresta, solo, planta) responde após a intervenção humana.

28 Qualidades de TXARACAMA ou bodó (14): tronqueira da escama grande; IKIMÃWA, cavalo ou preto; IPU praiano; de buraco; barbudo; mirim; XINI IPU, espinhudo; ESHKU TXAIDIPA fura-buceta; mamodate; ESHKU, barriga-de-moça; ESHKUWÃ, barriga-de-couro; bodó-cigarro; ESHKU bodó cachimbo e bodó rebeca. Vale ressaltar, que tais informações, ainda não foram checadas com a observação ou fotografia das respectivas qualidades de peixes, nem mesmo com as respectivas espécies, famílias e seus nomes científicos.

29 Os roçados são um dos oito ambientes estudados em nossa pesquisa. Roçados compõem uma vasta discussão e vários dias de trabalho. Tendo em vista a singularidade de material, resolvemos apreciá-lo num artigo vindouro.

Não se considera aqui que o homem indígena adote uma abordagem científica, mas ao contrário, cultural. Os povos da floresta ao se apropriarem dos recursos naturais o fazem respeitando a sustentabilidade do “sistema floresta”; percebem e identificam na floresta sua ação, e alternam comportamento de uso e ocupação buscando manter essa sustentabilidade.

Desta forma, ao realizarmos esse tipo de abordagem em comunidades habitantes em TI, resgatamos um pouco dessa cultura que poderá nortear ações de gestão territorial e local de uso e ocupação da floresta.

Na floresta é possível estabelecer uma “pauta de recursos combinados”, viáveis para cada aldeia e para cada Terra Indígena³⁰. Dentro desta pauta, os produtores têm a possibilidade de escolher os produtos agrícolas, extrativos, de criação e artesanato, com os quais desejam e têm condições para trabalhar. Tal pauta de recursos da floresta deve atentar para o calendário de frutificação e produção das variedades locais, as interações entre vegetais, pessoas e animais na cadeia alimentar e também para as relações de trabalho cotidianas na floresta (MARTINI, 2002, p. 39-40). Essa pauta requer que haja um conhecimento da dinâmica da floresta, que envolve respeitar os limites e sustentabilidade da mesma.

Deve-se considerar também a (1) quantidade dos recursos dispostos no território; (2) produtos potenciais gerados por cada recurso; (3) a situação logística de produção, transporte-armazenagem, além das (4) as condições ideais de produção, confecção e/ou elaboração destes produtos, além da (5) capacidade institucional e organizacional do grupo. A partir dessas informações é possível traçar caminhos inovadores ou caminhos “possivelmente realizáveis”, e atingir o desenvolvimento local, sem provocar o desequilíbrio dos geossistemas da floresta.

Devemos ter em mente a monitoração de nossas “condições de produção” e abastecimento sofríveis, para potencializá-las. Além de observar o contexto sociopolítico, as formas locais de utilização, agenciamento e distribuição desses ditos recursos como “ponto de partida” e fundamento de ações e políticas ditas públicas, em respeito a tanta especificidade. Nesse sentido, tornamos públicas tais informações.

O texto desta pesquisa resulta de um processo colaborativo. Isudawa, autor indígena, representa aqui todos os outros (42) cidadãos e cidadãs indígenas que contribuíram com a presente pesquisa. Mesmo que ainda não tenhamos condições suficientes para transformar, podemos ao menos observar, descrever e suscitar. Esse é nosso interesse.

30 Como sugerido no item “Recomendações Específicas”. (MARTINI, 2002).

REFERÊNCIAS

ACRE. Governo do Estado do Acre. **Zoneamento Econômico-Ecológico do Estado do Acre**: indicativos para a gestão territorial do Acre. Rio Branco: SECTMA, 2000. vol. 2, 298-299.

ARQUIVO do mapa de terras indígenas (pdf). Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/mapas/fundiario/ac/ac-cabeceiradorioacre/>>. Acesso em: 05 mai. 2010.

CARACTERIZACAO socioambiental das unidades de conservação (Rio Acre - AC). São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/uc/610/geral/>>. Acesso em: 31 ago 2010.

DEPARTAMENTO de índios isolados. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/quem/departamentos/deii/>>. Acesso em: 05 dez. 2010.

MMA. Ministério do Meio Ambiente. **Avaliação e identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade na Amazônia brasileira**. Brasília: MMA/SBF, 2001.

MARTINI, Andréa. 2002. **Levantamento participativo de recursos naturais na terra indígena Jaminawa Cabeceira do Rio Acre**. Rio Branco: SECTMA. 1-69 (sem imagens).

ROIG, Henrique L.; MARTINI, Andréa. 2002. Geologia e geomorfologia. IN: CARNEIRO da CUNHA, M. M. L.; ALMEIDA, M. W. B. de. (org.). **Enciclopédia da Floresta - O Alto Juruá: praticas e conhecimentos das populações**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. 43-50.

SISTEMA de informações (Territórios da Cidadania). Brasília, 2008. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/biblioteca_virtual/ptdrs/ptdrs_territorio004.pdf/> Acesso em: 31 ago 2010.

GLOSSÁRIO

Aceiro: linha que demarca o início de um ambiente diferenciado. Exemplo: aceiro do roçado, aceiro do campo e aceiro da mata.

Alagação - alagar: grandes cheias de rios e igarapés, no período do inverno amazônico que vai de outubro a março.

Bacaba: palmeira solitária (*Oenocarpus Circuntextos*).

Baladeira: atiradeira, funda, estilingue.

Balaio: cesta arredondada.

Balseiro: amontoado de paus e galhos deixados pela alagação de um rio.

Barro ariusco: barro com areia.

Brocar roçado: técnica para limpeza de roçado na qual se usa o terçado ou facão para retirar o mato miúdo e os paus finos.

Brolho: olho ou broto das plantas.

Calafetar: vedar, tapar com estopa as fendas e buracos de uma embarcação.

Canarana: designação comum a diversas gramíneas dos gêneros *paspalum* e *panicum*. É comum nas praias dos rios.

Curuba: sarna, escabiose.

Encoivarar: retirar paus, raízes e tocos de uma área queimada para abrir ou botar um roçado.

Envira: fibra vegetal. Em geral é a casca de certas árvores, utilizada para trançar peneiras, amarrar vigas nas casas, carregar animais.

Esteio: madeira que serve de apoio central em construções e casas.

Grota, grotião: descida que a água do igarapé faz na terra firme.

Jaburu: ave ciconiforme de grande porte, gênero *Mycteria L.*

Jaboti: réptil da ordem dos quelônios (*Testudo Tabulata*).

Jurubeba: designação comum a várias espécies do gênero *Solano*, da família das *solanáceas*, tidas popularmente por medicinais.

Lombo de terra: laterais da terra firme.

Lontra: animal mamífero, da ordem dos carnívoros. Família dos *mustelídeos*.

Mamangá: responsável pela polinização de buritis, maracujás, dentre outros vegetais.

Maniva: estaca feita do pé de macaxeira, “filho” de macaxeira.

Mutum: aves galiformes da família dos *cracídeos*, gênero *Crax*. L.

Nambu: inhambu.

Orelha de pau: fungo que gera do pau podre ou paú.

Palheira: palmeira. Murmuru, ouricuri, jarina, paxiúba, açai.

Paneiro: cesto utilizado para carregar macaxeira e outros produtos, agrícolas ou da mata. Pode ser feito de cipó, como o timbó ou de palheira, como o ouricuri e a jarina.

Patarasca: técnica de preparo de alimento, na qual carnes, peixes e temperos são embrulhados na folha de sororoca ou murmuru. Depois, pode defumar, assar ou cozinhar a patarasca.